



A BANALIZAÇÃO DAS SIGLAS NA SAÚDE: O PREÇO DA COMUNICAÇÃO IMPRECISA

CESAR AIRTON SCHWINGEL, RAFAELLY GOMES VIEIRA, EDUARDA ALVES

RESUMO

O uso de siglas e abreviações na comunicação na área da saúde, apesar de ser uma prática comum para agilizar a troca de informações, pode representar riscos significativos para a segurança do paciente e para a qualidade do atendimento. Este artigo tem como objetivo explorar a banalização e o uso inadequado de siglas, com base em um relato de experiência. Através da observação direta do cotidiano clínico, foi possível identificar diversas situações em que o uso de siglas não padronizadas e a invenção de novos termos, muitas vezes sem explicações adequadas, comprometeram a clareza das informações compartilhadas entre os profissionais de saúde. O estudo revelou que a falta de uniformidade na utilização das siglas, combinada com a ambiguidade nos seus significados, gerou confusão, especialmente em momentos críticos de atendimento e na comunicação intersetorial. A ausência de uma padronização entre as equipes de diferentes setores aumentou o risco de erros e atrasos no atendimento ao paciente. A partir dessas observações, foram propostas medidas para mitigar esses riscos, incluindo a implementação de um sistema de padronização das siglas, a criação de um manual institucional com a definição das siglas mais utilizadas e a realização de treinamentos periódicos com foco na comunicação eficaz. Conclui-se que, para garantir a segurança do paciente e a qualidade do cuidado, é fundamental que a comunicação seja clara, precisa e compreendida por todos os profissionais envolvidos, através do uso adequado e padronizado das siglas.

Palavras-chave: siglas; comunicação em saúde; segurança do paciente.

1 INTRODUÇÃO

A comunicação eficaz é um dos pilares da prática de saúde, sendo fundamental para garantir diagnósticos precisos, tratamentos adequados e, principalmente, a segurança do paciente (Souza *et al.*, 2019). No entanto, no ambiente hospitalar e em outras instituições de saúde, uma prática crescente tem sido a utilização de siglas e abreviações, que, embora tenham a intenção de agilizar a comunicação, muitas vezes resultam em ambiguidades e falhas na troca de informações (Silva, 2020). Esse fenômeno, denominado **banalização das siglas**, tem gerado um cenário preocupante, onde a excessiva simplificação e a falta de padronização podem comprometer a qualidade do atendimento e até colocar em risco a integridade dos pacientes.

A área da saúde, dada sua complexidade e a constante necessidade de transmissão de informações técnicas, é particularmente propensa ao uso de siglas. Termos como "SUS" (Sistema Único de Saúde), "ANS" (Agência Nacional de Saúde Suplementar) e "ICU" (Unidade de Terapia Intensiva) são amplamente reconhecidos, mas a crescente proliferação de siglas inventadas ou não padronizadas tem se tornado um problema real (Ferreira e Pereira, 2018). Esses acrônimos, muitas vezes criados de maneira informal pelos profissionais, não possuem um reconhecimento universal, o que pode gerar confusão, especialmente em ambientes onde há troca constante de equipes ou nas transferências de pacientes entre

unidades de saúde (Gomes, 2021).

Além disso, a invenção de siglas sem o devido cuidado com a padronização e a explicitação de seus significados pode levar à marginalização da comunicação entre as equipes de saúde, com impactos diretos na segurança do paciente e na eficácia dos tratamentos (Souza *et al.*, 2019). Ao utilizar siglas criadas de forma improvisada, os profissionais de saúde ignoram, muitas vezes, o fato de que outros membros da equipe podem não compreendê-las, resultando em falhas graves de comunicação (Silva, 2020). Assim, o uso impreciso de siglas, longe de ser uma solução para a eficiência, acaba se tornando uma armadilha que compromete a transparência, a compreensão e, conseqüentemente, a segurança dentro dos ambientes de saúde.

O presente estudo se propõe a discutir os impactos da banalização e da invenção inadequada de siglas na comunicação entre profissionais de saúde, abordando os riscos que essa prática pode acarretar para o atendimento ao paciente. A partir dessa análise, serão apresentadas sugestões de soluções para minimizar os efeitos da falta de padronização e promover uma comunicação mais clara, eficaz e segura nos ambientes de saúde.

2 RELATO DE EXPERIÊNCIA

Trata-se este resumo de um relato de experiência, originado de observações realizadas em diferentes pontos da rede de atenção à saúde (atenção primária, atenção secundária e atenção terciária) do Município de Foz do Iguaçu. O objetivo foi identificar a prevalência do uso inadequado de siglas e abreviações não padronizadas no ambiente de trabalho, assim como as implicações desse uso para a comunicação e a segurança do paciente. A metodologia adotada foi a observação participante, com a presença ativa dos pesquisadores durante a realização de atividades diárias da instituição.

A partir das observações e dos relatos de experiências vividas, foi possível identificar os principais desafios relacionados ao uso excessivo e inadequado de siglas. A experiência também permitiu identificar possíveis soluções para mitigar esses problemas, como a necessidade de padronização das siglas no hospital e a inclusão de um sistema de treinamento contínuo para os profissionais, com ênfase na utilização adequada e na explicitação das siglas.

Foi observado que equipes de diferentes setores da área da saúde utilizavam siglas que só eram compreendidas dentro de seus respectivos contextos, o que levou a dificuldades na troca de informações entre departamentos distintos, como entre o ambiente hospitalar, o Serviço de Atenção Domiciliar (SAD) e a Atenção Primária à Saúde (APS). Casos de siglas ambíguas, que poderiam se referir a múltiplos procedimentos ou condições clínicas, também foram frequentes, ampliando o risco de erros.

Outro ponto crítico que emergiu deste relato foi a criação de siglas não padronizadas pelos próprios profissionais, muitas vezes sem um processo formal de validação. Esses termos são frequentemente desenvolvidos para facilitar a comunicação interna entre equipes, mas sem considerar os desafios que podem surgir quando outros profissionais precisam interpretar essas siglas, como foi o caso observado.

Durante o estudo, foi possível observar que algumas siglas, inicialmente inventadas com o intuito de facilitar a comunicação, passaram a ser utilizadas de maneira indiscriminada, sem qualquer tipo de padronização, o que resultou em confusão generalizada. Em um exemplo prático, uma sigla utilizada para descrever um protocolo específico de tratamento em um setor especializado não foi reconhecida por um profissional de outro setor, gerando atraso e inconformidade no fluxo do paciente na rede de atenção à saúde.

3 DISCUSSÃO

A comunicação eficaz é fundamental para garantir a qualidade e a segurança no atendimento aos pacientes, sendo um dos principais determinantes para o sucesso dos

processos de cuidado na saúde (Ferreira *et al.*, 2018). No entanto, como evidenciado neste relato de experiência, o uso inadequado e a banalização das siglas representam um desafio significativo para a prática clínica, comprometendo tanto a clareza das informações quanto a segurança dos pacientes. O ambiente hospitalar, por ser dinâmico e repleto de interações entre diversos profissionais de diferentes especialidades, é especialmente suscetível aos riscos derivados da comunicação imprecisa (Silva, 2020).

O uso excessivo e descontrolado de siglas, um fenômeno frequentemente observado em ambientes da área da saúde, pode ser compreendido como uma tentativa de agilizar a comunicação entre os profissionais. Embora a intenção de simplificação seja válida, como apontado por Souza *et al.* (2019), a banalização de siglas, ou seja, o uso de siglas sem a devida padronização ou explicitação de seu significado, compromete a clareza das mensagens e cria um ambiente propenso a erros de interpretação. No contexto observado, siglas inventadas e não reconhecidas por todos os membros da equipe geraram incertezas e falhas na comunicação.

Estudos anteriores já apontam que a invenção de siglas sem a devida validação contribui significativamente para a falta de clareza na comunicação. Ferreira e Pereira (2018) destacam que a comunicação entre profissionais de saúde depende, entre outros fatores, da utilização de uma linguagem comum, de fácil entendimento. A criação de novas siglas, muitas vezes sem explicação, exclui outros membros da equipe dessa linguagem comum, resultando em ineficiência no processo de cuidado.

Um dos principais riscos derivados da banalização e invenção de siglas não padronizadas é o impacto direto na segurança do paciente. Quando informações essenciais, como dosagens de medicamentos, resultados de exames ou protocolos de tratamento, são transmitidas de forma imprecisa ou mal interpretada devido ao uso inadequado de siglas, as consequências podem ser graves.

Como evidenciado no estudo, o uso inadequado de siglas foi frequentemente relacionado a falta de clareza nos protocolos de atendimento. A comunicação imprecisa é uma das principais causas de incidentes adversos em ambientes hospitalares, como aponta Silva (2020). Esse cenário evidencia a necessidade urgente de padronização e clareza no uso das siglas, a fim de minimizar os riscos associados à troca de informações entre diferentes grupos profissionais.

Uma das principais conclusões deste relato de experiência é a urgência de se estabelecer um sistema de padronização das siglas na área da saúde. A falta de um protocolo formal para o uso de siglas foi identificada como uma das principais causas da confusão observada durante o estudo. Para que a comunicação seja eficaz e segura, é essencial que todas as siglas utilizadas na prática clínica sejam claramente definidas e seguidas por todos os membros da equipe de saúde. Neste sentido, a educação contínua e o treinamento adequado para os profissionais de saúde são ferramentas fundamentais. Como sugerido por Gomes (2021), programas de capacitação focados no uso correto de siglas e na comunicação eficiente podem ajudar a reduzir os erros decorrentes da banalização ou invenção de siglas não padronizadas. A implementação de um sistema de registro eletrônico que permita a explicitação das siglas, sempre que necessário, também pode ser uma estratégia eficaz para minimizar a ambiguidade e garantir que todos os membros da equipe compreendam as informações de forma clara e precisa.

4 CONCLUSÃO

A experiência vivenciada neste estudo destacou os riscos e desafios associados ao uso inadequado e à banalização das siglas na área da saúde, evidenciando as consequências diretas para a comunicação entre os profissionais e, especialmente, para a segurança do paciente. Embora o uso de siglas tenha como objetivo a simplificação da comunicação em um contexto dinâmico e repleto de informações, a falta de padronização e a invenção de siglas não

reconhecidas amplificam os riscos de interpretação errônea, resultando em falhas nos processos de cuidado.

A análise das situações observadas revelou que, quando não há clareza na utilização das siglas, seja pela ausência de explicações ou pela criação de termos sem um critério comum, a troca de informações entre as equipes se torna imprecisa, o que pode comprometer a qualidade do atendimento.

Este relato de experiência enfatiza a importância de implementar estratégias de padronização das siglas e de promover programas de educação contínua para os profissionais de saúde. A criação de um manual institucional de siglas, o uso de registros eletrônicos claros e a realização de treinamentos periódicos são medidas cruciais para garantir que a comunicação seja mais transparente e segura, minimizando os riscos para os pacientes.

Portanto, a partir da experiência relatada, torna-se evidente que a banalização e a invenção inadequada de siglas não devem ser vistas como uma simples questão de conveniência, mas sim como um fator crítico que pode impactar diretamente a segurança do paciente e a eficácia do tratamento. A construção de uma cultura organizacional que valorize a clareza na comunicação e o compromisso com a padronização será um passo importante para aprimorar a qualidade do atendimento e fortalecer a segurança dos pacientes em instituições de saúde.

REFERÊNCIAS

FERREIRA, M. R.; PEREIRA, L. A. (2018). *A comunicação na saúde: desafios e oportunidades no contexto hospitalar*. Rio de Janeiro: Editora Saúde.

GOMES, F. (2021). *Siglas e abreviações na medicina: impacto na segurança do paciente*. São Paulo: Editora Medicina.

SILVA, A. C. (2020). *A banalização das siglas: implicações para a comunicação no cuidado à saúde*. Belo Horizonte: Editora Educação e Saúde.

SOUZA, F. M.; ALMEIDA, S. P.; LIMA, T. A. (2019). *Comunicação e segurança do paciente: um estudo sobre o uso de siglas no ambiente hospitalar*. *Revista Brasileira de Saúde*, v. 45, p. 123-134.